CAPÍTULO 5

A tentativa de golpe de Estado de 27 de Maio de 1977

Por muitos anos que passem, será sempre muito doloroso para mim reviver os acontecimentos que ocorreram e que vivenciei, por ocasião da tentativa de golpe de Estado de 27 de Maio de 1977. Até hoje dilaceram-me a alma e, com os meus vinte e quatro anos, no apogeu da minha força anímica idealista e altruísta, transformara-me num ser humano mais do que desconfiado, descrente, da existência do Homem bom. Para atenuar as memórias tão dolorosas e para melhor percepção do ambiente que se vivia na época, decidi intercalar neste capítulo outras narrativas, que demonstram um pouco do perfil dúbio de alguns dos personagem intervenientes.

Se já tinha sérias dúvidas sobre as intenções de pessoas que vieram com os movimen-

tos de libertação já desavindas e fragmentadas, não apenas pelas lutas internas pelo poder, mas sobretudo pela luta de classes, entre os que estudaram e os que não estudaram e entenderam que tinham de ser eles a mandar em tudo, com a intentona de 27 de Maio, fiquei com a maior certeza, dos seus reais objetivos.

Por tudo o que vi e vivi de muito perto, cheguei à triste conclusão, que a maioria dos "guerrilheiros" de origem operária e camponesa tinha lutado para ficar com a riqueza que o branco criou, substituindo-os sem esforço, vingando a escravidão a que os seus antepassados foram votados, muitas vezes vendidos pelos seus próprios "irmãos", sem pensarem que a manutenção desses bens e sua preservação teriam de ser efectuados com trabalho árduo, organizado e abnegado.

Nas minhas introspecções indago-me das motivações para tal comportamento demostrado e comprovado. Perguntei-me inúmeras vezes porque razão não são superados os recal-

camentos negativos, que transmitem aos seus descendentes e à comunidade, não estando preocupados em minimizar o sofrimento do povo em geral, em contribuir para esbater as assimetrias regionais, reduzindo o fosso entre ricos e pobres, trabalhando para a efectiva redução da pobreza.

As minhas questões começaram a ser respondidas quando pude constatar a forma desumana, como os "Chefes" militares provenientes das classes operárias e camponesa, maltratavam os seus soldados à ordem e vários membros do Executivo lidam com os seus subordinados, oriundos da mesma classe social e como muitos dos novos ricos continuam como habitualmente, a escravizar as crianças da própria família pobre, que recebem em casa, sob a capa de lhes prestarem ajuda.

Já anteriormente me fui apercebendo da ambição exagerada e apetência por bens materiais, sobretudo de entre os então Comandantes das ex-FAPLA e das ex-FALA. No pri-

meiro caso, sempre que se apercebiam da existência de casas maiores ou melhores que a que lhes fora atribuída, queriam de imediato trocá-las, não se importando de despejar pela força alguns dos donos das mesmas, ou os herdeiros, acontecendo o mesmo com as viaturas que encontravam nas casas, ou confiscaram sem qualquer motivo legal às concessionárias existentes à data da independência.

No segundo caso, o mesmo se passou nas cidades ocupadas, com destaque para a cidade do Huambo antes dos bombardeamentos terem destruído por completo até o Palácio. No dia 28 de Maio de 1977, um dia após a tentativa de golpe de Estado, era ver os dirigentes militares numa correria desenfreada para ocupar as casas dos supostos fraccionistas detidos, ou para facilitarem a ocupação pelas suas amantes.

Fazendo uma ilustração a respeito da ambição pela melhor casa, citarei alguns exemplos:

- No primeiro caso, acusaram um jornalista sueco, o **Leif**, sem provas, de supostamente ser traficante de diamantes, porque o Comandante **Ludy Kissassunda** e a esposa **Iracema**, nas visitas que lhe fizeram na qualidade de "amigos", teriam gostado mais da casa que ele tinha comprado no Bairro Alvalade aos proprietários estrangeiros antes de terem deixado o país, do que da casa que lhes tinha sido distribuída no mesmo bairro. O **Leif**, era um jornalista de nacionalidade sueca, que entrou em Angola acompanhando os combatentes do MPLA, porque desde a guerrilha que os acompanhava em reportagens financiadas pelo Governo Sueco, que apoiou abertamente o MPLA, a SWAPO e o ANC. Anos depois, foi o correspondente da CNN em Angola.

- No segundo caso, no mesmo dia que o **Zé Mingas** foi preso, o Comandante **Toca** mandou militares armados tirarem à força a esposa **Paula Mingas** e o bebé recém-nascido do apartamento onde habitavam, no prédio do Jacaré, no Bairro do Alvalade, que era cobi-

çado porque tinha uma sauna. Os militares que foram acompanhar a sua secretária, mãe de um dos seus filhos, **Maria de Jesus Ferreira**, actualmente Embaixadora, mudaram as fechaduras e não deixaram **Paula Mingas** levar nada, para além da roupa que tinham vestido, ela e o bebé. Nem mesmo uma lata de leite ou as fraldas do bebé.

- O mesmo se passou com a casa do **Zé Van-Dunem**, que no dia da sua prisão foi ocupada pela **Xinda Dias da Silva**, por proposta da mesma, que na altura era secretária do Ministro da Defesa **Iko Carreira**. Para a casa onde vivia, mudou-se o financeiro do Ministério, o General de Gabinete, **Inocêncio**. A expulsão das viúvas dos desaparecidos (fuzilados) com o argumento que teriam participado na intentona do 27 de Maio foi quase Geral. O Secretário de Estado **Diandengue** também me convocou, dizendo que o **Justino Fernandes**, (que defendi perante **José Eduardo dos Santos**, quando o acusaram de ter pertencido

da PIDE, o que de facto não é verdade e que quando morava no Bairro Operário, já eu morava no Bairro do Cruzeiro, onde ainda resido) queria trocar comigo, mas ele preferia que eu trocasse com uma antiga combatente do Moxico, que morava no Bairro da Corimba. Eu respondi-lhe que só sairia da minha casa morta. Como não conseguiu verbalmente, enviou-me um ofício. Só não me retiraram à força, porque **José Eduardo dos Santos** que eu conhecera meses antes, que nessa altura era membro do Governo e do Bureau Político do MPLA, e que pensei que se afastaria, não só não o fez, como intercedeu por mim.

- Num outro caso, expulsaram o engenheiro de minas **Teixeira Pinto**, casado com a professora da Escola Comercial Vicente Ferreira, **Narcisa Teixeira Pinto**, amigos da minha família e proprietários de uma casa situado no Bairro do Alvalade. O casal tinha um filho, o "**Né**" **Teixeira Pinto**, destacado velocista dos 100 e 200 metros livres no atle-

tismo, que nunca saiu de Angola e contraiu matrimónio mais tarde com a ex-atleta angolana, **Marta Jaime**. O casal, quis doar-me a vivenda, antes de abandonar o país.

Eu sugeri que a doasse ao **José Eduardo dos Santos**, na qualidade de chefe de família, quando vivíamos numa casa de praia à beira mar, no Bairro da Corimba e foi efectuada a transmissão de propriedade por escritura pública. Estranhamente, o Sr. **Geitoeira**, um cidadão nascido em Portugal com dupla nacionalidade, agente da ex-DISA e um dos seus maiores carrascos antes e durante os acontecimentos de 27 de Maio, apareceu no Gabinete do novo proprietário da casa, perguntando-lhe se confirmava a sua pertença.

A resposta foi afirmativa, mas mesmo assim, no dia seguinte, o filho da ex-proprietária que estava a terminar a sua mudança para um outro imóvel da família, ligou-me a avisar que o Sr. **Geitoeira** aparecera com militares, que deram-lhe ordem de retirada imediata da casa, mudaram as fechaduras e

preveniram que ele próprio precisava da casa nesse mesmo dia. **José Eduardo** advertiu-me que não interviesse, pois poderia tratar-se de uma provocação da Segurança de Estado. Assim foi, não tendo conseguido mais reaver a casa nessa altura.

O interessante, é que volvidos cerca de trinta e cinco anos, foi dado conhecimento à minha filha, que havia uma casa em nome do pai no bairro Alvalade, cujo inquilino teria abandonado o país e estava vaga. A pessoa a quem se pediu para saber da veracidade da informação, que era membro da Segurança da Presidência da República, **Clemente Cunjuca**, tal como fez o **Geitoeira**, de imediato mandou pôr a casa em nome de um familiar seu. Em seguida, informou que o filho do dono da casa regressara de Portugal e que conseguira reaver a casa.

Claro que **Clemente Cunjuca** foi desmascarado por mim, porque lhe provei que o filho dos anteriores proprietários nunca saiu de Angola. Quem poderia imaginar que um subordinado do Presidente da República pode-

ria cometer tal ilicitude, pondo em seu nome uma casa propriedade do seu chefe, por meios fraudulentos num país normal? A verdade é que se faz não apenas isso, mas usam-se os nomes dos seus chefes, amigos e familiares, quando estes tem poder, para benefício próprio, sem quaisquer escrúpulos.

Da mesma forma, foi comunicado à minha filha, pelo Secretário de Estado da Habitação, que possuía uma casa em nome dela no bairro do Catambor, na rua da Conservatória de Registo Civil. Após investigações, soube-se que o então Major **Miala** foi quem teria arranjado essa casa e mandou-a entregar a um amigo seu, por si recrutado para membro do SINSE, que por sua sugestão foi posteriormente catapultado a Ministro da Geologia e Minas. Após a sua morte a família continua na casa mencionada.

Foi-me também informado por uma trabalhadora da ENSA, minha colega de Faculdade, que um dos funcionários dos serviços auxiliares da Presidência da República, o

Aldemiro da Conceição teria também pedido um apartamento *duplex* num prédio propriedade dessa seguradora, na Avenida Marginal (4 de Fevereiro), onde o mesmo morava, em nome também da minha filha e entregou-o a uma irmã da última esposa do Presidente **José Eduardo dos Santos**. Com que intenção eles fariam isso sem o conhecimento dela ou do pai, só eles saberão.

A verdade é que os mesmos tinham documentos pessoais dos filhos e procurações, que usavam e não duvido que possam ter falsificado assinaturas variadas vezes, até de procurações irrevogáveis nos seus próprios nomes.

No caso da casa que o **Geitoeira** mandou ocupar, estou em crer que estavam a procura de qualquer pretexto, que na altura, poderia significar a possibilidade de procurar o aniquilamento de **José Eduardo dos Santos**, pois havia uma certa desconfiança por parte do Presidente **Neto**, que quer **Lopo do Nascimento**, quer **José Eduardo dos Santos** poderiam estar ligados, ou ter simpatia pelo grupo

que perpetrou a tentativa de golpe de Estado em Maio de 1977, o que não era verdade.

Mas de onde partiu tal intriga?

- Tal intriga começou com a luta pelo poder e invejas, que já vinham do tempo da guerrilha, pois quando eu trabalhava com o Ministro **Loy**, que era Comandante, os Comandantes "maquisards", como por exemplo o **Boligó** e o **Tchizainga** atacavam-no na minha presença, dizendo:

— Isto não pode ser! Tu, o **Zé Eduardo** e **Lukoki** foram estudar, enquanto nós lutamos e vocês agora é que tem os bons lugares no Governo? E o **Lopo** ainda é pior. Um dia vamos ter que resolver isso nem que tivermos de lutar outra vez.

Recorde-se que na altura, **Lopo de Nascimento**, um não "maquisard" tinha sido até final de 1976 o Primeiro Ministro e **Loy**, **José Eduardo** e **Dilolowa**, que se suicidou anos depois por frustração, tinham sido nomeados seus Vice-Primeiros Ministros.

Como se não bastasse e como na luta pelo poder infelizmente vale tudo, até mandar matar, aquando da morte do Presidente **Neto**, estranhei o facto de a sua Secretária Particular, a **Guiomar**, pessoa que manifestava em conversas abertas que não nutria simpatia por mim, mandou entregar-me pessoalmente, por um portador de minha confiança, o original de um parecer de iniciativa pessoal de **Jaime Madaleno**, Director de Gabinete do Presidente da República, dirigido ao Presidente **Neto**. O parecer dizia o piorio de quase todos os membros efectivos do Bureau Político (que na altura eram apenas 11 efectivos e 2 suplentes), estranhamente a título excepcional, elogiava os Comandantes **Ludy** e **Onambwe**, dizia não conhecer muito bem **Ambrosio Lukoky** e tinha enfoque em **Lopo de Nascimento** em **José Eduardo dos Santos** e em mim, recomendando a exoneração dos "perigosos", que constituíam o órgão Executivo, liderado pelo então Primeiro Ministro, o que se concretizou.

Com que intuito a **Guiomar** mandou entregar-me o parecer, se ela trabalhava no Gabinete do Presidente da República e poderia entregá-lo pessoalmente ao Presidente **José Eduardo dos Santos**?

- É que a **Guiomar** tinha subtraído indevidamente esse parecer, tal como outros documentos comprometedores, dos processos confidenciais e pessoais do Presidente **Neto**, logo que se apercebeu da sua morte, sem conhecimento do Director do Gabinete do Presidente **Neto**, **Jaime Madaleno**. Como vingança, porque o Presidente **José Eduardo dos Santos** decidiu não a manter como sua Secretária na Presidência da República, mas apenas no Partido, mas manter **Jaime Madaleno** no mesmo posto, porque este sempre foi extremamente bajulador, intriguista e muito cínico, decidiu denunciá-lo através de uma pessoa ligada ao novo Presidente, para que o interessado nunca pensasse nela, porque sabia que ela não era das minhas relações.

Jaime Madaleno, enquanto trabalhava com o Presidente **Neto**, com a maior hipocrisia, sempre que me encontrasse, relembrava-me da grande simpatia que nutria pelo então Ministro **José Eduardo dos Santos** e por mim e dos estreitos laços de amizade que ligavam uma das suas irmãs àquele, quando por detrás apunhalava **José Eduardo dos Santos** e a mim pelas costas.

O mesmo aconteceu com **Lopo do Nascimento**, que se manifestou muito chocado com a revelação, ao ler a cópia da carta, que eu própria lhe mostrei anos depois, pois segundo o mesmo, considerava **Jaime Madaleno da Costa Carneiro**, um grande amigo, a quem tinha ajudado.

Aliás, **Jaime Madaleno** sempre gozou da fama de "bufo" da PIDE, polícia política portuguesa, entre os nacionalistas angolanos, o que não afirmo nem desminto, porque não acho importante perder muito tempo a ir fazer mais pesquisas sobre pessoas que se revelaram sem carácter.

Voltando à tentativa de golpe de Estado, ocorrida no dia 27 de Maio de 1977, relembro, que desde a altura que iniciei as minhas funções de Secretária no Ministério da Defesa, passei a ser detentora de um passe de identificação vermelho, com um formato rectangular, estreito, com a assinatura do Ministro da Defesa **Iko Carreira**, que me dava acesso ao Ministério. Mantinha-o mesmo depois de requisitada em comissão de serviço pelo Ministro **Loy**. Como Directora Adjunta de Gabinete, eu tinha o previlégio de ter uma viatura atribuída, de marca *Fiat 128*, de cor branca. A minha viatura era idêntica à dos membros do Governo.

O então Ministro das Relações Exteriores **José Eduardo dos Santos** tinha uma viatura igual à que eu utilizava, com a matrícula AME, com o número a seguir à que eu utilizava em serviço, que terminava por 27. Na altura eu já tinha duas viaturas pessoais, um *Citröen GS* e um *Ford Mustang* que o **Tilú** me oferecera, ambos comprados às prestações antes da independência. Os médicos tinham viaturas iguais aos dos membros do Governo, mas de cor amarela. Os Comandantes tinham direito a viaturas da mesma marca, mas de modelo *132* e os *Mercedes* eram só para o Presidente da República e para os membros do Bureau Político do Partido único, o MPLA.

É importante referir esses aspectos, porque o facto de ter tal cartão e tal viatura *Fiat 128* de cor branca, ditaram uma série de consequências que poderiam ter sido fatais para mim.

No dia 6 de Maio de 1977, o meu filho mais velho completou dois anos de idade e o pai, o **Tilú Mendonça**, médico, com quem eu era casada, era Director do Hospital de Malange e vinha esporadicamente e fazer uma festa de aniversário, foi um bom pretexto para trazê-lo a Luanda, embora ele tenha acabado por não poder vir. A minha mãe tinha mãos de fada para confeccionar e decorar bolos e tinha uma cozinheira a quem ensinou

a fazer pastéis para casa e para encomendas. Ela fazia o *glacê* para barrar o bolo de cor branca, com a clara de ovos e açúcar e de cor rosa, com um pingo de mercúrio. A minha mãe também tinha criação de galinhas e leitões, que não deixava crescer muito. Tanto ela como eu tínhamos hortas no quintal feitas por ela, que as vizinhos das casas mais próximas, a "avó" **Nata Rangel**, que também teve um filho menor, o **Adriano Dias dos Santos** e um enteado, o **Tó Dias dos Santos** presos em Luanda e fuzilados no "27 de Maio" e as "avós" **Josefa Dias** e **Bela Dias**, cuja filha **Any**, também foi detida no Lubango nessa ocasião, também iam buscar legumes, exactamente porque havia carência de todo o tipo de alimentos.

Nessa altura, as Secretárias dos Gabinetes dos Ministros e os Directores de Gabinete, tinham direito a um cartão com um pequeno valor para fazer compras na loja dos Diplomatas, onde não havia "bicha". Nessa loja, para além de produtos alimentares, sem muita varie-

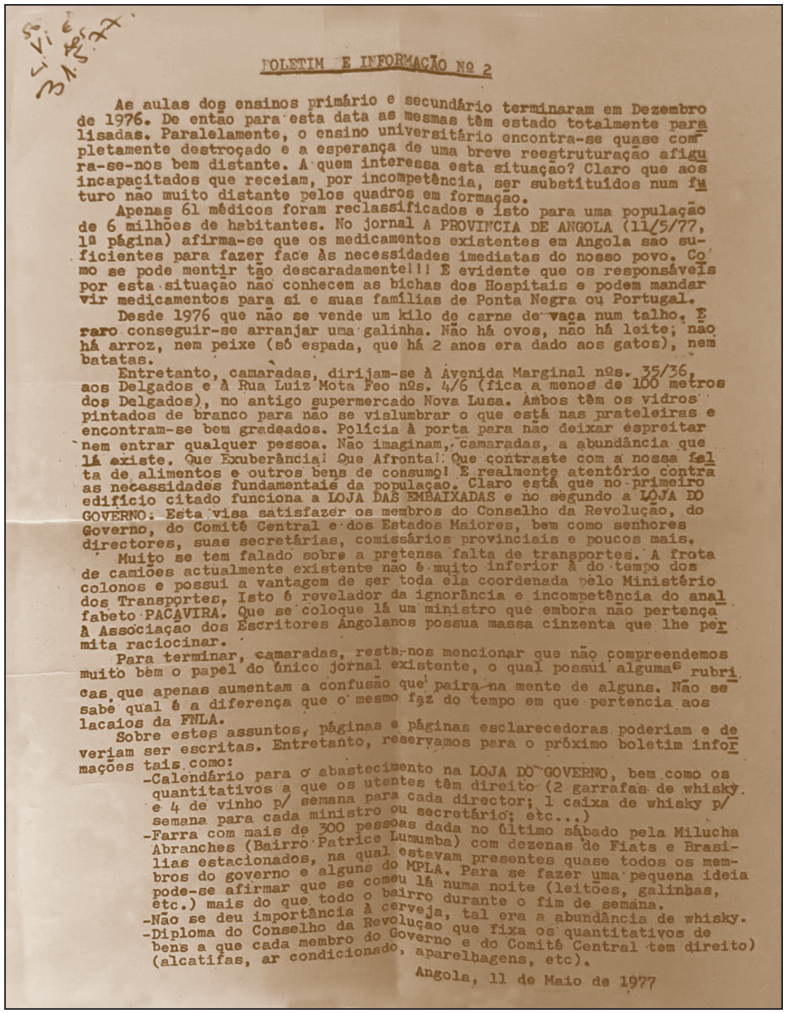
dade, vendiam várias bebidas alcóolicas e espirituosas, mas durante muito tempo não havia *whisky*. Diziam que tinham de manter um grande *stock*, em especial do *Chivas* de 21 anos para consumo do Presidente **Agostinho Neto**.

Para a festa de aniversário do meu filho **Tilucho**, a minha mãe ofereceu o bolo de aniversário, os rissois de peixe, os pastéis de massa tenra e um leitão. O **Kabenda** da EPIGEL vendeu-me bolos sortidos, o **Zarga** que era promotor da cerveja *Cuca*, arranjou-me um barril de finos, comprei na loja dos Diplomatas 2 grades de refrigerantes e o mesmo número de grades de cerveja. Pedi à minha prima **Milú** que me cedesse as bebidas dela da semana e o Embaixador de Cabo Verde e Guiné-Bissau, o meu amigo "**Baró**" ofereceu-me a única garrafa de *whisky* que havia na festa.

Nem churrasco de galinha houve na festa, porque havia escassez de frangos que tínhamos que guardar para o dia-a-dia, onde a ementa principal era o peixe carapau e o peixe espada hoje quase desaparecido.

Entretanto, o **Zé Van-Dunem**, irmão do meu melhor amigo e colega de liceu **João Van-Dunem**, de quem tenho muitas saudades, dias antes do dia 27 de Maio, contactou-me e disse que gostaria de falar comigo, mas que só mais tarde diria do que se tratava. Eu disse-lhe que não havia qualquer problema, pois não fazia a mínima ideia do assunto, nem me ocorreria o que fosse.

Fiquei surpreendida, quando me entregaram um panfleto, que abaixo reproduzo cópia, acusando-me de estar colada ao regime de **Neto** e ao corrupto **Iko Carreira** e ter dado uma festa de arromba, com caixas de *whisky*, etc. Hoje, sei que este panfleto foi elaborado e distribuído por elementos afectos aos seguidores de **Nito Alves**, por demagogia, porque ele próprio, como Ministro, tinha acesso à mesma loja, de onde se abastecia e distribuía bens a algumas das várias namoradas que tinha em simultâneo, pertencentes à denominada pequena burguesia.



BOLETIM E INFORMAÇÃO Nº 2

As aulas dos ensinos primário e secundário terminaram em Dezembro de 1976. De então para esta data as mesmas têm estado totalmente paralisadas. Paralelamente, o ensino universitário encontra-se quase completamente destroçado e a esperança de uma breve reestruturação afigura-se-nos bem distante. A quem interessa esta situaçao? Claro que aos incapacitados que receiam, por incompetência, ser substituídos num futuro não muito distante pelos quadros em formaçao.

Apenas 61 médicos foram reclassificados e isto para uma população de 6 milhões de habitantes. No jornal A PROVINCIA DE ANGOLA (11/5/77, 1ª página) afirma-se que os medicamentos existentes em Angola são suficientes para fazer face às necessidades imediatas do nosso povo. Como se pode mentir tão descaradamente!!! É evidente que os responsáveis por esta situaçao não conhecem as bichas dos Hospitais e podem mandar vir medicamentos para si e suas famílias de Ponta Negra ou Portugal.

Desde 1976 que não se vende um kilo de carne de vaça num talho. É raro conseguir-se arranjar uma galinha. Não há ovos, não há leite, não há arroz, nem peixe (só espada, que há 2 anos era dado aos gatos), nem batatas.

Entretanto, camaradas, dirijam-se à Avenida Marginal nºs. 35/36, aos Delgados e à Rua Luiz Mota Feo nºs. 4/6 (fica a menos de 100 metros dos Delgados), no antigo supermercado Nova Lusa. Ambos têm os vidros pintados de branco para não se vislumbrar o que está nas prateleiras e encontram-se bem gradeados. Polícia à porta para não deixar espreitar nem entrar qualquer pessoa. Não imaginam, camaradas, a abundância que lá existe. Que Exuberância! Que Afronta! Que contraste com a nossa falta de alimentos e outros bens de consumo! É realmente atentório contra as necessidades fundamentais da populaçao. Claro está que no primeiro edifício citado funciona a LOJA DAS EMBAIXADAS e no segundo a LOJA DO GOVERNO. Esta visa satisfazer os membros do Conselho da Revolução, do Governo, do Comité Central e dos Estados Maiores, bem como senhores directores, suas secretárias, comissários provinciais e poucos mais.

Muito se tem falado sobre a pretensa falta de transportes. A frota de camiões actualmente existente não é muito inferior à do tempo dos colonos e possui a vantagem de ser toda ela coordenada pelo Ministério dos Transportes. Isto é revelador da ignorância e incompetência do analfabeto PACAVIRA. Que se coloque lá um ministro que embora não pertença à Associaçao dos Escritores Angolanos possua massa cinzenta que lhe permita raciocinar.

Para terminar, camaradas, resta-nos mencionar que não compreendemos muito bem o papel do único jornal existente, o qual possui algumas rubricas que apenas aumentam a confusão que paira na mente de alguns. Não se sabe qual é a diferença que o mesmo faz do tempo em que pertencia aos lacaios da FNLA.

Sobre estes assuntos, páginas e páginas esclarecedoras poderiam e deveriam ser escritas. Entretanto, reservamos para o próximo boletim informações tais como:

-Calendário para o abastecimento na LOJA DO GOVERNO, bem como os quantitativos a que os utentes têm direito (2 garrafas de whisky e 4 de vinho p/ semana para cada director; 1 caixa de whisky p/ semana para cada ministro ou secretário; etc...)

-Farra com mais de 300 pessoas dada no último sábado pela Milucha Abranches (Bairro Patrice Lumumba) com dezenas de Fiats e Brasílias estacionados, na qual estavam presentes quase todos os membros do governo e alguns do MPLA. Para se fazer uma pequena ideia pode-se afirmar que se comeu lá numa noite (leitões, galinhas, etc.) mais do que todo o bairro durante o fim de semana.

-Não se deu importância à cerveja, tal era a abundância de whisky.

-Diploma do Conselho da Revolução que fixa os quantitativos de bens a que cada membro do Governo e do Comité Central tem direito) (alcatifas, ar condicionado, aparelhagens, etc).

Angola, 11 de Maio de 1977

Interroguei-me muitas vezes sem entender, mas acabei por depreender, que o facto de algumas jovens do sexo feminino pertencen-

tes à pequena burguesia, não se importarem de "caçar" um dirigente analfabeto para casar, era por acharem que o importante seria ter poder e dinheiro, pois mal tinham tido tempo e bases para assimilar e entender a ideologia marxista-leninista, ou maoísta e eram pobres de espírito.

O objectivo desse tipo de pessoas de ambos os sexos, que se colou aos dois maiores partidos políticos angolanos, sempre foi aparecer e tirar o maior benefício possível do sobrenome dos cônjuges e de familiares próximos. Esses, por sua vez, têm o mesmo tipo de comportamento, ao aceitarem cargos incompatíveis com os seus conhecimentos.

Há um mito que a UNITA propaga, que esse partido político formou mais quadros durante a luta armada do que o MPLA, o que me parece não corresponder à verdade, já que a maioria dos seus dirigentes, com destaque para os militares, concluíram os seus cursos médios, licenciaturas, mestrados e doutoramentos, depois da assinatura dos Acordos de

Paz a 4 de Abril de 2002, com bolsas de estudo oferecidas a si e seus dependentes pelo Governo. Isto foi corroborado por **Dinho Chingunji**, que disse que **Jonas Savimbi** só dava bolsas de estudo aos seus familiares directos.

O mesmo aconteceu com os membros da FNLA, que entraram no país em 1981, cujos filhos receberem bolsas de estudo do Governo angolano, por terem beneficiado do perdão do Presidente da República **José Eduardo dos Santos**. Mas este é um "não assunto". O importante seria deixarmos de nos apontar os dedos e regozijarmo-nos com a ascensão por mérito de qualquer cidadão angolano, como antes da independência.

Claro está, que por ingenuidade e porque existia a pena de morte, nunca me iria ocorrer que seriam pessoas do regime a ousar escrever contra o próprio regime, porque nunca fiz parte de nenhum grupo clandestino depois da independência, por achar desnecessário recorrer à força para resolver os nossos diferendos

internos, que poderiam ser resolvidos pela via do diálogo. Já bastava o sufoco que passei, nos grupos de ação da clandestinidade durante a luta pela independência.

Recordando a conversa com o **Zé Van-Dunem**, dias mais tarde, ele tornou-me a contactar e perguntou-me se eu tinha disponibilidade para conversar com ele e com mais alguém, mas só me poderia explicar no local. Ele ofereceu-se para dar-me boleia, tendo eu aceite. Nós éramos vizinhos, para além de sermos amigos, assim como os nossos pais. Chegados ao local, ele pediu-me para aguardar, pois iria confirmar se quem iria falar connosco já teria chegado. O local para onde me conduziu, era na rua do "Casuno", num prédio que dá acesso à entrada do Parque Heróis de Chaves e em sentido oposto às traseiras do Quartel Geral das Forças Armadas, onde funciona a Direcção de Logística, mas quando regressou, entrou de novo na viatura e limitou-se a dizer-me:

— **Milucha**, eu quando te disse que queria falar contigo, na verdade era para abordar

um assunto com um grupo de pessoas que tu até conheces. Mas eles dizem que já não vale a pena.

Eu respondi-lhe:

— **Zé**, não estou a entender nada, poderias explicar-te melhor?

Ele respondeu:

— Não te preocupes que não era nada de muito importante.

Comecei a achar que algo estranho estava a ocorrer, mas nunca saberia se estaria relacionado com a tentativa de golpe de Estado e ainda bem, pois já tinha havido outros grupos de supostos "fraccionistas" no seio do MPLA depois da independência que foram presos pela DISA, mas nunca se falou em qualquer tentativa de golpe de Estado.

No dia 26 de Maio de 1977, depois do período laboral, recebi visitas em casa. Primeiro chegou a minha prima **Xinda** (**Alcina Dias da Silva**), que não obstante tivesse recentemente a casa dela também no Bairro do Cruzeiro, duas ruas abaixo da minha, disse

que ia dormir na minha casa. Depois chegaram a minha prima **Milú** (**Maria de Lurdes Perdigão Belo**), Secretária do Ministro do Trabalho **Noé Saúde**, com a **Mawete**, irmã do **Lukoky**. A seguir chegou o (Comandante) **Bula** e por fim chegou o (Comandante) **Saydi Mingas**, que era na altura Ministro das Finanças. Ele tinha-me dito que vinha da Clínica do Prenda, onde a esposa, a **Paulete**, estava internada.

Como habitualmente, entre família chegada e pessoas amigas de verdade, ninguém anunciou com antecedência que vinha lanchar ou jantar. Foram chegando e fui fazendo umas omeletes de ovo em pó da ração das Forças Armadas, que o **Bula** costumava trazer, um Sumate com chouriço e embora eu saiba bem bater o funje, para que saísse mais rápido, pedi ao 25, cozinheiro interno dos meus pais, que eram meus vizinhos, para bater o funje "roubando" um pouco da fuba que o meu tio **Luís Perdigão** lhes enviava do Bié, estranhamente mais limpa do que a de Malange.

Conversa puxa conversa, e a minha prima **Xinda** solta uma gargalhada sarcástica e faz a seguinte pergunta:

— Que é que pensam do **Nito Alves**? — e continuou:

— Vocês vão ver! — disse soltando gargalhadas.

O **Saidy Mingas** respondeu:

— O que eu penso é que ele não deveria continuar com essa linguajem populista.

Aí eu também intervim e disse:

— O que eu penso é que ele é um jovem muito ambicioso, que já subiu muito na hierarquia, mas que quer subir ainda mais rapidamente, lendo discursos que outros escrevem por ele, porque quando fala sem ler, os discursos directos são racistas e incendiários, parecendo-me que está a ser possivelmente utilizado por alguns intelectuais. Os discursos escritos não correspondem à bagagem intelectual que ele apresenta durante uma conversa. Os portugueses do Partido Comunista e os intelectuais se calhar estão a empurrá-lo,

depois de conseguirem atingir os seus objetivos vão livrar-se dele.

Embora a **Xinda** insistisse no assunto, não me recordo que o **Bula** tenha emitido a sua opinião e eu pedi para mudarmos de assunto, porque o tema não era interessante no momento para todos. Só o **Saidy**, ela e eu dialogávamos e as restantes três pessoas não emitiram nenhuma opinião de relevo que eu me recorde.

Mais tarde, cheguei à conclusão que a **Xinda** pretenderia era saber a opinião do **Saydy Mingas** e do **Bula** sobre um possível golpe de Estado. Em casa dela moravam também as cunhadas dela, **Nandy Kassanji**, do "Destacamento Feminino Militar" que, mesmo grávida, comandou um dos blindados que nessa madrugada assaltaram a cadeia de S. Paulo, para libertar os presos políticos, e segundo relatos, foi fuzilada depois de dar à luz, a **Percinda** (**Percy**) **Kassanji** e a mais nova das irmãs.

Hoje estou em crer que a **Xinda** estava ao corrente de tudo e foi dormir a minha casa para dispôr de um álibi e despistar futuras

consequências caso algo não corresse bem, já que nessa altura era a Secretária do Ministro da Defesa. Mas eu considero que foi um golpe baixo os nitistas terem utilizado uma grávida para assaltar a prisão.

Entretanto, a **Mawete Lukoky** foi-se embora com alguém que a veio buscar.

Mas o **Saidy Mingas** nesse dia estava melancólico e continuou com uma conversa tétrica:

— Hoje fui ao cemitério visitar a campa da minha falecida mãe. Eu estou preparado para morrer a qualquer momento.

Eu pedi-lhe para parar com aquela conversa dizendo:

— Ai **Saidy**, o que é que te deu? Por favor mudemos de conversa! Que coisa? Uma diz que vamos ver o que o **Nito** vai fazer e outro diz que não tem medo de morrer a qualquer momento? Acabemos com este tipo de conversas.

Mudámos então de tema, falando da selecção musical de fundo, que eu tinha a tocar num

gira-discos. O **Bonga**, em 1976, quando veio a Angola, trouxe e ofereceu-me uma colecção de discos, que incluía vários discos dele e de *jazz* que o **Filipe Zau** e o **Solano Pitra** adoravam e foram levando "emprestadados". De repente, antes da meia-noite, começamos a ouvir um tiroteio intenso, como já não se ouvia em Luanda, desde Junho de 1975.

O **Saidy** e o **Bula** levantaram-se e disseram que iam ver o que se estava a passar e que depois avisavam.

Eu ainda os aconselhei a não saírem, mas eles insistiram e saíram de minha casa, no Largo de Cambambe 15/16 juntos.

A **Xinda** e a **Milú** tinham levado a roupa delas para dormirem na minha casa. Acabamos por adormecer, já não demos mais conta dos tiros e embora eu as tenha acordado muito cedo para irmos trabalhar, a minha prima **Xinda** que possivelmente sabia de mais alguma coisa, insistiu comigo dizendo, que era melhor não irmos trabalhar porque a situação não estava boa.

Eu como estava no alheio sobre a realidade do que se estava a desenrolar, e com a minha mania de moralista e cumpridora, respondi-lhe que não podíamos deixar de ir trabalhar, só porque algum reacionário queria espalhar o medo na população com os tiroteios da noite passada, para desestabilizar a economia do país que estava já muito mal.

Embora a **Xinda** continuasse a tentar demover-me a não irmos trabalhar, eu bati com o pé e disse-lhes que elas também tinham que ir e assim foi. Lá fomos nós, comigo ao volante.

A minha prima **Milú** pediu que eu passasse primeiro pela casa dela, para apanhar algo. Ela morava na Avenida dos Combatentes, no primeiro prédio do lado direito, após o Largo do Kinaxixe, onde se erguia a estátua da Maria da Fonte, no sentido descendente.

Até ao Largo do Kinaxixe não vimos nada de anormal, a partir daí começamos a ver grandes ajuntamentos estranhos de pessoas e um grande aparato militar, como se fosse um

controle especial. Quando avistei os militares, respirei de alívio e disse:

— Estão a ver? Que é que eu vos disse? Está tudo calmo e até reforçaram a tropa para controlar os confusionistas.

Não tardou e acto contínuo fui mandada parar por um grupo de militares que eram seguidos por um grupo numeroso de populares. Os militares sinalizaram-me com a mão para baixar o vidro, ao que acedi.

Já com o vidro aberto, um militar alto, sem patentes, mas que aparentava ser o chefe do grupo, com uma voz de comando e um semblante carregado pediu-nos que nos identificássemos e os cartões de trabalho. Prontamente, eu e a **Xinda** que ia comigo à frente, do meu lado direito, entregamos os cartões vermelhos do Ministério da Defesa, que eu continuava a usar.

Entretanto, o grupo de populares que gritava muito excitado, cercou os militares e a viatura e gritava com excitação "mata! mata!…". De recordar, que até 1983 havia

serviço militar obrigatório também para as mulheres. A partir daí, passou a ser obrigatório só para as mulheres médicas e paramédicas, até que o alistamento passou a ser voluntário.

Continuando a nossa narrativa, o ajuntamento de populares à volta do carro ia aumentando. Mas, mesmo assim, eu estava tranquila, porque estava completamente convencida, que os militares estavam na rua era por ordem do Ministro da Defesa, em virtude dos disparos da noite anterior, quando o militar com os nossos cartões na mão se dirigiu a nós aos gritos:

— Saiam! São as mulatas que trabalham para o **Iko Carreira**!

Como auto-defesa, tranquei as portas de imediato e subi o vidro. Só piorei a situação. Enquanto os militares tentavam e conseguiram abrir as portas, forçando as fechaduras, os populares abanavam o carro como se fosse um baloiço. Abriram a porta do carro do meu lado, arrancaram-me de dentro do carro e

pude ver que alguns dos populares empunhavam catanas, gritando repetidamente:

— Mata!

Só nesse momento dei conta que estávamos em perigo e raciocinei rápido. Se estavam a falar mal do **Iko Carreira**, os militares e os populares que os apoiavam, só poderiam ter ligação com o tiroteio da noite anterior e com as palavras sarcásticas da noite anterior da **Xinda**, sobre que iríamos ver, referindo-se a **Nito Alves**.

Ocorreu-me de imediato utilizar o diálogo como meio de persuasão e comei dizendo:

— Tenham calma! Não sei o que se passa, mas somos todos tão jovens, para quê tanto ódio?

— Será que numa altura destas ainda se pode estar ao serviço de alguém que vos aconselhou a matar?

O que eu fui dizer!

Todas as atenções e militares se dirigiram a mim, tendo o militar que me arrancou do carro dado a ordem:

— Levem-na!

Eu reparei que o militar que tirou a **Xinda** do carro, um jovem de estatura média, a reconheceu, porque ela tratou-o pelo nome. Estranhei o facto de ele a ter mandado entrar de novo para o carro, assim como à **Milú** e substituiu-me ao volante.

Os militares que eram seguidos pelos populares que continuavam a gritar pedindo para matar e acenando algumas catanas, começaram a arrastar-me como se de um saco de carvão se tratasse, desde o local onde estávamos, em frente ao edifício da TAAG, até ao Largo Luís de Camões, que ficava em frente ao actual hotel EPIC SANA, enquanto as minhas duas primas ficaram dentro da viatura com outro militar e eu nem imaginava para onde as levaria.

Quando chegámos ao Largo Luís de Camões, encontrámos um outro grupo de militares que aparentava tratar-se de um novo ponto de controle e os militares que me arrastaram pediram a um dos militares que aí se encontrava, para pedir a viatura para me levarem para a 9.ª Brigada.

Atónita, vi parar em frente a nós a minha viatura, conduzida pelo mesmo militar que tinha à sua guarda as minhas duas primas e ele mesmo saiu do carro, mas sem desligar a viatura, abriu a porta de trás do lado esquerdo, no sentido descendente, tornou a entrar para o carro, fechou a porta e disse para o colega que aparentava ser o Chefe:

— Já contactei a chefia e disseram para vocês entregarem-ma e eu levá-las para lá.

O militar que estava com ele enervou-se, possivelmente desconfiado, segurou na metralhadora que levava a tiracolo com as duas mãos, largando-me e respondeu:

— Não! Ela não sai daqui! Ela tem de ir na viatura que está a chegar! Senão eu atiro!

Nesse instante, perante o perigo eminente não pensei duas vezes, nem hesitei. Atirei-me de cabeça em direcção ao banco traseiro da viatura para dentro e fiquei deitada e encolhi os pés, que mesmo assim ficaram de fora e mesmo com a porta aberta, o militar que fazia de condutor arrancou desde onde está actual-

mente o hotel Épic Sana, em direcção à descida que vai para o Palácio da D. Ana Joaquina, onde fica o actual Tribunal Provincial de Luanda.

O militar que por fracções de segundos tinha-me largado para se colocar em posição de tiro, descarregou uma rajada contra a viatura, mas como o carro estava numa descida, por muita sorte não nos alvejou. Seguiram-se mais duas rajadas, enquanto o nosso condutor curvava à direita, na rua Rainha Ginga e antes do fim da rua, que termina na sede do ex-Benfica de Luanda, cujo espaço foi açambarcado pelo Petro Atlético de Luanda e pelos engenheiros **Joaquim David** e **Manuel Vicente**, ele parou, saiu da viatura, onde eu continuava na mesma posição incrédula e disse:

— Saia, passe para o volante e voltem para casa.

O pânico era tal, que eu já nem me recordo se agradeci, mas lembro-me que durante o curto trajecto ninguém abriu a boca.

O jovem militar que nos conduziu, iniciou a caminhada em sentido inverso a pé, bastante à vontade (se calhar por nos salvar, foi transmitir aos colegas que éramos do grupo deles, por causa da **Xinda**, embora pelo menos eu e a **Milú** não fôssemos de certeza), enquanto eu passava para o volante e ainda não refeita, toda amarrotada, rasgada e despenteada, dirigi-me às minhas primas e disse:

— Ele disse-nos para ir para casa, mas eu acho que é melhor irmos para o Ministério da Defesa e ficarmos lá.

A **Xinda** tentou demover-me, enquanto a **Milú** muito assustada, porque diferentemente de nós não estava habituada as lides militares, ficou "muda".

Eu respondi redondamente que íamos sim para o MIINDEF, até para explicar o que se estava a passar, porque na minha estupidez por não ter lidado com pessoas recalcadas, com mentes tão complicadas, acreditava mesmo nas minhas ingénuas palavras.

Fez-se um silêncio, porque na prática estávamos as três assustadas.

Eu desci em direcção à parte traseira da igreja da Nazaré e tentei não ir por nenhuma via de acesso directo. Entrei pela rua que passa em frente ao Palácio de Ferro. Depois passei à frente no beco próximo do Jornal de Angola que sai atrás do Ministério das Finanças, passei pela rua traseira da Direcção da Viação e Trânsito, virei à esquerda na Avenida Serpa Pinto, subi a rampa do jardim em frente ao Liceu Salvador Correia e curvei na segunda rua à direita, até chegar ao Largo da Maianga.

No Largo da Maianga encontrámos outro controlo de militares, que nos mandou parar e à frente estava o **Mindo** (General **Armindo Espírito Santo**), que na altura era o Chefe de Estado Maior da Polícia.

A **Xinda** gritou:

— Estás a ver! Bem disse o meu amigo para irmos para casa.

Enquanto abria o vidro calada, porque entendi que ela tinha razão e que a minha tei-

mosia poderia estar a conduzir-nos para "a boca do lobo", pensava:

— Estou lixada! Afinal não podemos confiar em ninguém. Será que até o **Mindo**, um dos meus melhores amigos e colega de Liceu vai-me mandar prender ou matar?

Já com o vidro baixo, o Mindo perguntou-me com a testa franzida de espanto:

— De onde vens assim toda despenteada?

Eu lá lhe expliquei.

Ele ouviu atentamente e a seguir respondeu:

— Então segue, vai directo ao Ministério da Defesa e não saiam de lá.

Respirei aliviada, porque entendi que o **Mindo** estava do lado dos militares que estavam a restaurar a segurança e ordem pública.

Fui sempre em frente, na Rua Brito Godins, (que agora tem sentido único), até ao Ministério da Defesa, contornei e entrei pela parte traseira do quintal do edifício, onde sempre parqueava a viatura, após apresentação do passe.

Saímos do carro e subimos pelas escadas de acesso ao 1.º andar, para ir ao Gabinete do Ministro **Iko Carreira**, quando da sala de reuniões, saiu para o corredor o Comandante **Monstro Imortal**, que vinha na nossa direcção, com a cara fechada de preocupação e as mãos nos bolsos.

Eu dirigi-me de imediato a ele e narrei-lhe o que tínhamos vivido, pedindo para que enviassem militares para a zona de onde saíramos, para reverter a situação.

O camarada **Monstro Imortal** ouviu-me, aparentemente com atenção, e respondeu-me que iriam tomar medidas. Após terminar a conversa, e ia em direcção ao Gabinete do Camarada **Iko**, como na altura o tratava, quando a **Xinda** virou-se para mim e disse:

— Perdeste o teu tempo, porque o **Monstro Imortal** também pertence ao Grupo do **Nito Alves** que nos interpelou.

Eu perguntei-lhe como é que ela sabia. Ela deu uma gargalhadinha sarcástica, similar às que deu na minha casa na noite do dia 26 de Maio de 1977.

Achei muito estranho tal comportamento por parte dela, mas ainda pensei que ela pode-

ria ter lido algum documento do Gabinete do Ministro que eu desconhecia.

Já no Gabinete do Ministro da Defesa, contei a mesma estória e o Comandante **Iko** também nos recomendou que não saíssemos mais do Ministério da Defesa.

À saída do Gabinete do Ministro da Defesa, ainda no corredor, encontramos o **Vasco Jesus**, a quem também pus ao corrente da situação. Quando o **Vasco** virou costas, a **Xinda** também repetiu:

— Continuas a perder o teu tempo. O **Vasco** também faz parte do grupo do **Nito**.

Nesse momento, eu fiquei ainda mais baralhada, e pensei:

— Estou entregue à bicharada. Aqui já não sei quem é quem, mas a **Xinda** deve estar metida com eles.

Na minha mente até aí, todos os Comandantes eram grandes heróis, vinham de grandes lutas e grandes façanhas por eles contadas. Porém, entendi, que afinal não eram tanto assim, porque bastou parte do grupo de milita-

res que entraram no MPLA depois de 25 de Abril, que na realidade foi quem pôs esse Movimento de libertação no poder, dar apoio a **Nito Alves** e **Monstro Imortal**, pondo-os contra o Presidente **Neto** e eles ficaram como animais encurralados, que nem se atreviam a sair da varanda do Ministério da Defesa.

Era ver, até o famoso Comandante **Xietu**, que era o Chefe de Estado Maior das FAPLA, a andar de um lado para outro da varanda, de mãos atrás nas costas e rosto fechado, mas nem descer para o quintal do Ministério se atrevia.

Entretanto, ficamos reclinadas na varanda, quando horas depois, soubemos que os Cubanos iriam contra atacar. Vi o Comandante **Onambwe** a sair, descer as escadas, e dirigir-se aos tanques que saíram em seguida.

Mais tarde, comecei a ver os tanques regressarem e atrás vinham camiões com militares, uns com as mãos atadas atrás das costas, outros sem as mãos atadas, mas desarmados e qual não é o meu espanto, quando constatei que um dos

jovens que pelos vistos era preso, era o mesmo militar que nos tinha salvo de manhã. Foi quando eu me virei para a **Xinda** e perguntei:

— Aquele moço não é o teu amigo que nos salvou?

A **Xinda** respondeu:

— É.

Eu respondi-lhe:

— Como tu sabes o nome dele, então vai dizer que ele nos salvou, para que nada lhe aconteça.

Fiquei muito mais preocupada e pensei que ela estava a ser egoísta e injusta quando me respondeu:

— É melhor não dizer nada, porque não sabemos quem é quem.

Eu insisti e ela respondeu:

— Depois eu vejo.

Fiquei com a convicção de que ela tinha receio, de que o militar que nos ajudou pudesse trazer à tona o nome dela.

Mais tarde, já no Ministério da Defesa, fiquei a saber que, como a maioria dos militares, teria aderido à possível intentona, por razões de segurança, fora accionada a Polícia Nacional, para repor a ordem de Cabinda ao Cunene, substituindo temporariamente as Forças Armadas em todo o território nacional.

Desconheço se hoje a Polícia Nacional estaria apta a desempenhar tais funções. Honra seja feita ao Comandante **André Petroff**, que foi quem organizou e comandou essa instituição nos primórdios da independência em tempos mais difíceis, em que esta instituição estava ao nível das suas melhores congéneres africanas.

Durante esse período, foram aproveitadas muitas militares do sexo feminino, para formar o primeiro grupo de mulheres motorizadas na Polícia de Trânsito e era impensável encontrar um polícia bêbado ou mal fardado.

Fui vendo os blindados a entrarem, trazendo quer altos dirigentes do MPLA, quer Comandantes do Exército, quer membros do Governo, que começaram a ser recolhidos nas suas casas, maioritariamente no Bairro do

Alvalade e do Saneamento. Iam entrando nas salas e aí ficavam.

Como o Comandante **Loy** não aparecesse, eu, na qualidade de Directora Adjunta de Gabinete dele, liguei para a casa dele e disse-lhe que estava preocupada, porque todos os dirigentes estavam refugiados no Ministério da Defesa e não o via.

O Comandante **Loy** respondeu-me:

— Camarada **Milucha**, vieram-me buscar para ir para aí, mas um primo meu passou aqui na minha casa muito cedo e aconselhou-me a não sair de casa.

Mas ele apareceu no período da tarde no Ministério da Defesa. Mais tarde soube que o referido primo foi preso e fuzilado e o **Loy** passou também a ser suspeito de ser nitista. Tempos depois, ouvi o **Mandumba**, que na altura era dirigente da JMPLA, dizer na sala do Protocolo:

— O Camarada Presidente **José Eduardo** não devia nomear o camarada **Loy**, porque ele é fraccionista!

Estranho o facto do Deputado **Fragata de Morais** só em 2014 ter-me perguntado, se era eu que estava na manhã do dia 27 de Maio de 1977 próximo do Hotel Trópico a ser indagada por militares. Sendo ele mais claro que eu, de raça branca, não o mandaram parar também porque não conduzia um carro com a matrícula verde, ou seria apoiante de **Nito Alves**?

Ao fim da tarde daquele fatídico dia, a minha prima **Milú** sugeriu que fôssemos para casa dela comer qualquer coisa, já que nos tinha sido informado no Ministério da Defesa, que a situação de Luanda já estava controlada, porque tinham muita polícia e militares fiéis ao Presente **Neto** espalhados pela cidade.

A **Xinda** disse-nos que ficava, porque o Comandante **Iko** poderia precisar dela e assim, só eu e a **Milú** saímos.

Chegada à casa da **Milú**, eu liguei para a minha mãe, na casa da qual, o meu filho **Tilucho** passava o dia e era minha vizinha — tínhamos um portão de ligação pelo quin-

tal —, a narrar o que se estava a passar e ela disse-me:

— Ainda bem que saíste de casa. Não venhas para casa. Fica onde estás. Já foram à tua casa, entraram e revistaram a casa toda.

E continuou:

— Soube que aqui no Bairro do Cruzeiro, depois de há dias terem prendido o **Xico Zé**, hoje levaram presos vários miúdos da JMPLA. Na casa da tua vizinha, a D. **Nata Rangel**, levaram o filho, o **Adrianinho** de 18 anos, dizendo que ele tinha de ir mostrar onde morava o **Xarula** que era da JMPLA do bairro. Levaram também o primo dela, o **Xico Rangel** estava lá por acaso, porque foi visitá-la, mas ela diz que levaram também o enteado, o **Antoninho**, que é militar. Até o filho do meu vizinho, **Soares da Silva**, que só tem 17 anos levaram.

E disse ainda:

— Por isso, antecipei-me e fui à tua casa com um dos teus irmãos antes de eles aparecerem, tirei a "AKA" do **Tilú** e enterrei na horta do meu quintal.

E acrescentou:

— Eles já se foram embora, mas por favor não saias daí! — repetiu.

Eu fiquei preocupada mas fiquei a pensar erradamente, que quem estaria a prender indiscriminadamente essas pessoas, deveriam ser militares do grupo que tentou fazer o golpe de Estado abortado, em desespero, para fazer alguns reféns como moeda de troca.

Pousei o telefone e apreensiva, contei tudo à **Milú**.

Entretanto, o **Mawete** (**João Baptista**), na altura militar das FAPLA, que frequentava as nossas casas e outros dois amigos dele, (o **Tony** e o **Alegria**, conterrâneos da minha mãe), telefonaram para a **Milú** a saber se ela estava bem e ela convidou-os a irem comer também.

Já estávamos todos sentados à mesa, mas ainda não tínhamos começado a comer, quando ouvimos a notícia de que os Comandantes **Dangereux**, **Bula**, **Nzage**, **Erico** e **Saydi Mingas**, bem como o oficial do Ministério da Segu-

rança **Hélder Neto**, assim como três civis, nomeadamente, Dr. **Garcia Neto** (que estava na casa do Comandante **Eurico**, meu vizinho), **Cristiano Santos** e **João Rodrigues**, tinham sido encontrados mortos, queimados e atirados ao lixo no Sambizanga e que o Comandante **Gato** teria sobrevivido e estaria ferido.

Para mim, como para todos os presentes, foi um choque. Eu pedi licença, saí da mesa e fui para um dos quartos do apartamento da **Milú**. Não podia acreditar.

O **Saidy** e o **Bula** tinham estado na minha casa no dia anterior e saíram exactamente quando se intensificou o tiroteio.

Como o meu filho **Tilucho** era bebé, o **Bula** tinha o cuidado de, sempre que tivesse que cumprir missões militares, antes de ir, passar por minha casa de madrugada e deixar à porta, nos degraus da escada, leite em pó em pacote, ovo em pó e sabão, que distribuíam aos militares, para que não faltasse pelo menos o leite para o bebé.

Passado algum tempo, tocam à campainha e a **Milú** abriu a porta principal. Decorrido

menos de um minuto, ela abriu a porta do quarto onde eu estava e disse-me que o **Tilú** estava à entrada e queria falar comigo com urgência.

Levantei-me, fui até à porta e mandei entrar o **Tilú**, que não sendo habitual, não tinha tirado a bata branca e estava com cara de assustado.

O **Tilú** saudou todos, sem mostrar o sorriso que ostentava sempre, em especial ao **Mawete**, a quem tratou da perna no SAM — Serviços Médicos do MPLA —, quando este foi baleado em combate e com quem fez uma grande amizade e perguntou-me se poderia falar comigo a sós.

Eu afastei-me, ele aproximou-se e disse-me em voz baixa:

— Desculpa ter-te vindo incomodar. Liguei-te para o serviço, mas como não atendeste, telefonei à tua mãe que me disse que estavas aqui. Preciso que me ajudes por favor! Só tu me podes ajudar. Não tenho mais ninguém em quem confiar. Estou a ser perseguido para me

prenderem. Vão-me matar e eu ainda quero criar o meu filho.

Eu percebi que algo estava muito errado, porque enquanto no Ministério da Defesa diziam que a situação estava sob controle, a minha mãe disse-me que tinham ido à minha casa revistar a casa na minha ausência e que estavam a prender jovens e o **Tilú** estava à minha frente, a dizer-me que estavam atrás dele para o prenderem e para o matarem.

Tentei não mostrar que sentia medo e perguntei-lhe:

— Estás a ser perseguido por quem e porquê?

Ele respondeu:

— Eu estava de banco de urgência na Clínica do Prenda e o **Sito** ligou-me a avisar-me que deveria fugir, porque ouviu numa reunião, que estavam a caminho da Clínica para me prender e que estão a matar, mas eu não sei porquê. Eu saí de imediato da Clínica, nem tive tempo de tirar a bata, quando saí, pareceu-me que estavam a perseguir-me. Eu

não fiz nada. Uma vez convidaram-me para ir a uma reunião, mas eram só civis. Eu fui, mas disse-lhes que não aceitava fazer parte do grupo.

Eu respondi, neste caso com alguma convicção:

— Calma! Se não fizeste nada, não tens nada a temer. Se te prenderem, tu explicas e acredito que vão entender.

Naquele momento, eu ainda acreditava no que dizia porque não conhecia, de facto, a essência do MPLA.

Mas o **Tilú** continuava com um ar assustado e repetia:

— Se me apanham vão-me matar. O **Sito** disse que vão-me matar.

O **Sito** era um dos melhores amigos de infância do **Tilú**, que morava na Vila Alice e alistou-se voluntariamente nas FAPLA.

Eu, enquanto tentava acalmá-lo, raciocinei depressa e disse-lhe:

— Acalma-te, mas acho que se calhar a pessoa mais indicada para te ajudar é o nosso

compadre **Romão**, porque é primo directo do Presidente **Neto**. Na casa dele estarias melhor.

O **Francisco Romão**, contra minha vontade, era o padrinho de registo do **Tilucho**. Eu, como não o queria para padrinho do meu filho, o **Tilú** acabou por ir sozinho registá-lo com ele, porque como éramos casados, não precisava da minha presença.

O **Tilú** respondeu:

— Foi a primeira pessoa a quem liguei. A mulher dele disse-me que ele não podia atender de momento, mas que depois me ligaria, mas não ligou e eu não tinha tempo a perder.

Eu insisti:

— Liga-lhe de novo. A **Milú** não vai-se importar se utilizares o telefone da casa dela.

O **Tilú** aproximou-se do telefone e ligou de novo para a casa do Romão.

Ouvi-o perguntar se o **Romão** já o podia atender. Quando desligou, virou-se para mim e disse:

— É muito estranho o comportamento do **Romão**. A **Dalila** (esposa), disse-me para

aguardar mais um pouco e que ele depois me ligaria. Ela antes deu a entender que ele está em casa. Então por que é que ele está a demorar tanto para atender-me, ou ligar de volta?

Pouco tempo depois do **Tilú** acabar de falar, eu disse-lhe:

— Se dizes que estão atrás de ti, é melhor não esperares aqui.

O **Tilú** insistiu que preferia esperar aí. Não passaram cinco minutos, nem deu tempo para que os que estavam à mesa se apercebem da nossa breve conversa. Tocaram à campainha e quando a **Milú** abriu a porta, apareceu um grupo de militares fardados e armados que perguntaram se era aí que morava a **Maria de Lurdes Perdigão Xavier Belo**. Raríssimas pessoas sabiam o nome completo da dona da casa, o que me fez pressupor que ou o telefone do **Romão**, ou o telefone da **Milú** estavam à escuta. Mais tarde, soube que no dia em que o **Tilú** foi detido, foram buscar o **Romão** a casa, porque ele frequentava a casa

do Comissário Províncial **Fortunato** (Governador de Luanda), de quem era muito amigo, que também fora detido, a quem tinha apresentado o **Tilú**. Ainda a **Milú** não tinha respondido, como a porta estava aberta, o olhar dos militares de imediato se dirigiu ao **Tilú**, mas não lhe tocaram e pediram-lhe para se identificar e para os acompanhar, porque tinham ordem para o prender.

Eu e o **Mawete** quase que instintivamente metemos-nos à frente do **Tilú** e eu perguntei se traziam ordem de detenção e se tinham alguma identificação. Os militares, sem se exaltarem, mostraram-nos as suas credenciais e disseram verbalmente que tinham ordem para o prender. Aí eu disse, que se ele fosse preso, eu e o **Mawete** iríamos também para o acompanhar.

Os militares responderam-nos que não era permitido que o acompanhássemos, mas mesmo assim, eu pedi ao **Mawete** para os seguirmos, alegando que naquele momento não sabíamos quem era quem, nem para onde o levariam. Na

verdade eu não sabia se quem o levava era por parte dos Netistas ou dos Nitistas.

O **Mawete** concordou comigo, eu e ele entramos na viatura dele e ele mesmo conduziu. Desta vez, fomos nós que perseguimos o *Jeep* militar que se dirigiu ao Ministério da Defesa.

O *Jeep* entrou no Ministério da Defesa, mas mesmo tendo eu apresentado o cartão do MINDEF, não deixaram a viatura entrar e trataram-me como se nunca me tivessem visto, quando eu saíra de lá horas antes.

Eu e o **Mawete** não desistimos. Descemos da viatura e permitiram-nos a entrada a pé.

Subimos ao primeiro andar, procurei a **Xinda**, que estranhamente não aparecia. Pedi para falar com o Comandante **Iko**, mas disseram-me que ele não ia poder atender-me porque estava em reunião e que já não podíamos ficar ali, porque senão seríamos também detidos. O único que aceitou falar-me foi o Comandante **Kabulo**, que me disse que era melhor eu não insistir.

Saímos mais apreensivos do que entrámos e sem comentar, como se fôssemos mudos, tal era o clima de medo, que nem eu sabia de quê, que se instalou e voltamos para a casa da **Milú**, onde já ninguém comeu mais.

Logo em seguida a **Milú** disse-me:

— Olha, enquanto saíram, estive a falar com a **Mina** (**Guilhermina Gamboa**), contei-lhe o que se está a passar e ela pediu para te dizer, que ela e o **Zezinho de Carvalho** (na altura Ministro das Pescas), te convidam a ficares em casa deles, que como é no Saneamento, é próximo do Ministério da Defesa e como é o bairro onde moram os membros do Governo e está mesmo ao lado do Palácio, estão em segurança.

Eu reflecti de imediato e enquanto me senti imensamente agradecida, pensei que seria uma excelente ideia, porque não obstante com o auxílio das tropas cubanas tivesse sido comunicado oficialmente que o eminente golpe de Estado tinha sido abortado, o certo é que os altos dirigentes que se encontravam no Ministério da Defesa não arredavam o pé daí e tinham começado a prender até militantes civis de todas as idades, acima de qualquer suspeita.

Respondi à **Milú** que ia mesmo aceitar o convite.

Eu conheci a **Mina** no liceu feminino D. Guiomar de Lencastre. Quando eu entrei no liceu para estudar o 1.º ano (actual quinta classe), com 11 anos, ela já andava no 4.º ano (actual 8.ª classe).

Mais tarde, já em Lisboa, enquanto estudante, quando vinha de férias, o quarto onde eu morava era alugado e se chegássemos dias antes da data de início das aulas, teríamos que arranjar onde ficar. Era no apartamento de três quartos e sala em Benfica, alugado conjuntamente pelo **Bastos dos Santos** (**Nito**), pelo **Zezinho de Carvalho**, pelo **João Van-Dunem** e **José Leitão** (ambos meus colegas de curso e do último ano de liceu), que ficávamos.

Os donos do apartamento juntavam-se dois a dois e eu a **Paulete Lopes**, assim como uma amiga dela, de uma das províncias do

interior de Portugal, ficávamos juntas no mesmo quarto. O **André Mingas**, que trabalhava a bordo dos aviões da Força Aérea provenientes de Luanda, também costumava ficar lá, durante as escalas de voo.

Depois do recado que a **Milú** me deu, liguei para a **Mina** e disse-lhe:

— **Mina**, fiquei muito sensibilizada por se terem lembrado de mim, mas tenho de pedir primeiro autorização ao meu Chefe **Loy**, para lhe informar que vou para a vossa casa. Por outro lado, também estou à espera do **José Eduardo**, que foi a uma missão no Lubango e ficou de chegar hoje.

A **Mina** prontamente respondeu:

— Não te preocupes. A casa chega para todos. Diz aos camaradas **Loy** e **José Eduardo** que venham também para minha casa.

E assim foi. Eu transmiti o convite da **Mina** e do **Zezinho de Carvalho**, tanto ao **Loy**, como ao **José Eduardo**, que aceitaram o convite, tendo eles ido para a casa do casal um dia depois de mim, no dia 29 de Maio. Fomos

todos bem acolhidos. No dia 29 de Maio, no período da tarde, fomos todos convidados a sentar-nos na sala de visitas, enquanto o **Zezinho de Carvalho** e o **Loy** comentavam os acontecimentos e o **José Eduardo** como habitualmente mantinha-se em silêncio, a **Mina** chamou-me e disse-me que a **Milú** estava ao telefone e queria falar-me:

Dirigi-me ao telefone e a **Milú** muito aflita disse-me:

— Olha! Não saias daí, pois acho que ainda ninguém sabe que estás aí. Veio um grupo de militares à minha casa, perguntaram-me por ti e eu disse que não estavas. Perguntaram-me onde estavas e eu disse que não sabia. Então levaram-me presa para o Ministério da Defesa. Posta lá, puseram-me numa sala e mandaram-me aguardar. Passado um pouco vi a **Xinda** a espreitar na porta entreaberta e ouvi ela a dizer:

— Não é esta! Podem levá-la de volta. Esta é a **Milú**, queremos a **Milucha**. Depois trouxeram-me de volta.

Eu fiquei estática. Não podia acreditar. A minha prima **Xinda**, que sempre tratei como irmã e os meus pais como filha? A minha prima com quem partilhei o quarto, que ajudei a juntar-se ao MPLA, saída da minha própria casa?

Qual seria a motivação para que ela me montasse tal cabala?

Voltei para a sala de visitas e decidi contar o que a **Milú** me dissera.

A **Mina**, logo que acabei de falar, respondeu:

— Desculpa, mas sendo assim, já não podes ficar aqui.

O **Zezinho de Carvalho** olhou para mim fixamente em silêncio, como que corroborando com as palavras da esposa.

Eu respondi:

— Está descansada. Embora a **Milú** me tenha pedido para me esconder, eu decidi ir agora mesmo apresentar-me, porque como não fiz nada, tenho a consciência tranquila.

O **Loy** interveio e disse:

— A camarada **Milucha** não devia sair daqui sem comer primeiro, pois não sabe o que se vai passar.

O **José Eduardo**, olhou-me com um olhar patético, parecendo sofrer e temer por mim, mas manteve-se em silêncio.

Eu retorqui e disse:

— Mas a comida ainda não está pronta e pode demorar.

O meu Chefe insistiu:

— A camarada **Milucha** não conhece o MPLA. É melhor comer primeiro. Depois de comermos, eu e o camarada **José Eduardo** acompanhamo-la. Não a vamos deixar ir sozinha.

O **José Eduardo** continuava a fixar-me, dessa vez com um olhar de que concordava com o conselho.

E quando eu respondi que então ficava para comer e ia depois, senti que o casal se entreolhara com certo desconforto.

Mais tarde a **Mina** anunciou que a comida estava pronta, mas não consegui comer. Sujei o prato tentado mostrar-me normal.

Quando todos terminaram o meu Chefe disse:

— Agora podemos ir, mas vamos no meu carro. Deixe o seu carro.

E lá fomos nós os três. Eu, **Loy** e **José Eduardo**.

No Ministério da Defesa deixaram entrar e parquear a viatura.

Subimos a escada os três, eu estava ladeada pelo **Loy** e pelo **José Eduardo**.

Ao pisar o último degrau do primeiro andar, fui recebida pela **Gi** (**Luzia Sebastião**), que na altura era Directora do Ensino Primário que, com as mãos na anca aos gritos, disse:

— Fui eu que te mandei buscar!

São essas mulatas que vocês arranjam para Directoras de Gabinete, que são as traidoras.

O Comandante **NGakumona** (que anos depois foi Director da Endiama), que nesse preciso momento ia a passar, parou e perguntou-lhe:

— Mas porque está a tratar assim a camarada **Milucha**? O que se passa camarada **Milucha**?

A **Gi** respondeu:

— Camaradas, ninguém pode falar com esta camarada!

O Comandante **Loy** e **José Eduardo**, ficaram estáticos. O **Loy** apenas balbuciou:

— Calma, camarada **Milucha**!

O **José Eduardo**, ficou em silêncio, com um olhar de espanto de que estava chocado com a situação, mas com um sentimento de impotência. Desconheço, porque nunca me atreveria a perguntar por deontologia profissional, se foi por essa razão, que ele enquanto Presidente da República nunca cedeu aos corredores da **Gi**, para ser membro do Governo.

Naquela ocasião, acto contínuo, saiu de uma sala o Comandante **Dino Matross**, ao ouvir a minha voz e entender que os ânimos estavam exaltados, pela amizade que já existia entre nós (tendo até descoberto um grau de parentesco com a minha família paterna, quando lhe apresentei a minha tia **Jóia**, que morava na minha casa e por esse motivo, fui eu que decidi apresentar-lhe outras três famí-

lias **Dias dos Santos**, pois ele não tinha qualquer relacionamento com os mesmos, nem leva esse apelido).

O Comandante **Dino** perguntou-me:

— O que se passa?

Nesse momento, sai atrás dele o **Job** (sobrinho do **Lanvu**, que fazia a rubrica em kikongo do programa radiofónico clandestino Angola Combatente, que era conterrâneo e compadre da minha mãe), Secretário do Camarada **Lúcio Lara** e gritou:

— Camarada **Dino**, essa camarada é altamente perigosa! Ninguém pode falar com ela!

A **Gi** vinha atrás de mim e repetia o mesmo.

Eu estava estupefacta. Pensei que gostaria de estar a viver um mero pesadelo.

A **Gi**, dias antes, estivera na minha casa com a **Xinda**, fingindo-se de boa amiga. Eu não queria acreditar.

Entretanto, passou na varanda o Comandante **Iko**, saído do Gabinete dele, de passagem para outro Gabinete e eu perguntei-lhe:

— Camarada **Iko**, mandou-me chamar?

Ele prontamente respondeu:

— Não! Eu não te mandei chamar.

A **Gi** responde de imediato, sem mostrar qualquer receio:

— Fui eu que te mandei buscar!

E o pior, é que à semelhança do que aconteceu com os Comandantes **NGakumona** e **Dino Matross**, o Comandante **Iko** também ficou em silêncio após a explicação da **Gi**.

Eu não podia mesmo crer. Como é que era possível, dois cidadãos civis, como a **Gi** e o **João Job**, mandarem mais no Ministério da Defesa, só porque a primeira era cunhada de um Comandante que era um grande amigo e que infelizmente tinha sido assassinado e o segundo, era Secretário do Secretário-Geral do MPLA?

Percebi que nessa altura não havia voz de comando. "Estávamos mesmo entregues à bicharada".

Faço mais um parêntesis, para mais um comentário, aliviando a carga emocional que revivo com a minha narrativa, para referir que

pude constatar que o marido da **Gi**, o **Vunda**, por quem nutro uma grande estima, também não estava em Luanda, no dia 27 de Maio. Só chegou depois e, ao contrário do que eu pensava, mais tarde veio falar-me e mostrou-se solidário comigo.

Recordo-me como se fosse hoje, que na primeira actividade pública em que estive presente num período posterior de relativa acalmia, no cinema *Karl Marx*, o **Vunda** veio sentar-se ao meu lado, minutos antes do início da actividade e para meu espanto e consolo, aí permaneceu até ao final da primeira parte do espetáculo. Eu interpretei a sua atitude, que me calou fundo, como o reconhecimento de que apesar de respeitar e amar a sua esposa, ele acreditava na minha palavra e queria possivelmente, que os presentes entendessem isso.

Muitos anos depois, o **Nvunda** encontrou-me na sala do Cerimonial do Protocolo de Estado e disse-me, que gostaria que eu me reconciliasse com a **Gi**, porque ela estaria disposta e teria referido, que não ficava bem em

encontros entre colegas eu comprimentar os presentes excepto a ela. Eu respondi-lhe, que se eu tivesse morrido ela não me iria ressuscitar para falar comigo.

Retornando à minha apresentação no Ministério da Defesa no dia 29 de Maio de 1977, acto contínuo aos gritos de comando, a **Gi** entrou numa sala e saiu acompanhada do Comandante **Onambwe** e disse, sempre em voz alta:

— Aí está ela.

De momento entendi que não era o **Iko** que esteva no Comando das Operações, mas a DISA e o MPLA/sede e qualquer pessoa que quisesse denunciava através dessas instituições o seu inimigo pessoal, ou pessoas com que não simpatizasse ou invejasse. Como as instalações da vizinha DISA, que antes servira de Direcção da Força Aérea, eram exíguas, passaram o "quartel-general" para o edifício do Ministério da Defesa.

O Comandante **Onambwe** olhou para mim e disse friamente:

— Fica aí à espera! Não sei até que horas!

Depois ele entrou.

Eu continuava ladeada de **Loy** e de **José Eduardo**, que se mantinham também em silêncio, mas ainda que aconselhados a irem embora, eles ficaram e mesmo depois de eu entrar, soube por eles que ainda ficaram aguardando algum tempo na esperança que eu saísse, até insistirem que seria melhor irem embora. Não poderia esperar que **José Eduardo** ficasse do meu lado e me apoiasse sempre como o fez, se até a **Xinda**, que era como uma irmã mais nova, se comportou de uma forma tão vil.

O caricato, é que a minha prima, a **Xinda**, no meio daquela angústia, enquanto eu estava dentro da sala e ela não tinha sido chamada, ainda teve ânimo para se oferecer para consolar o então Ministro **José Eduardo**, segundo o mesmo, dizendo que como não sabia se eu sairia mais dali, como ela era viúva, um dia destes os dois poderiam ir passar uns dias na Baía Azul, em Benguela.

Interessante, foi que a **Xinda**, dias depois, tentando desculpar-se com os meus pais com quem morou longos anos, contou que a **Gi** lhe confidenciara, que se o "Camarada **José Eduardo** deixasse a **Milucha**, ela iria tentar de tudo para ficar com ele e deixaria o seu marido".

Faço essa observação, para se perceber que na verdade só fui denunciada, porque havia duas "amigas", que estavam interessadas no meu futuro companheiro, que também me defendeu em pleno Bureau Político perante o Presidente **Neto**, dos ataques encabeçados pela Presidente da OMA, **Ruth Neto**, aos dirigentes do MPLA, que segundo ela, arranjaram "mulatas".

Na ocasião, **José Eduardo** respondeu que já tinha apresentado a sua separação judicial a esse órgão do Partido e que os assuntos da sua vida pessoal só a ele diziam respeito. O mais interessante, é que **Ruth Neto** teria abandonado **Desidério Costa**, com quem ainda era casada, para ir viver com o Comandante **Monti**,

um mestiço que foi o primeiro Ministro dos Petróleos de Angola, e fugiu do país quando o Presidente **José Eduardo dos Santos** mandou instaurar um inquérito à sua gestão.

Entretanto, lá para as 3H00, de 29 de Maio de 1977, o Comandante **Onambwé** abriu a porta e foi pessoalmente buscar-me ao corredor onde me mantinha de pé e pediu-me para o acompanhar.

Na sala onde estava, antes da minha entrada iam entrando e saindo militares. Uns com as mãos amarradas, outros com as mãos desatadas tal como eu, que enquanto esperavam ou passavam, choravam amargamente. Eu estava em silêncio, mas já me sentia morta por dentro, como se estivesse apática.

Dentro da sala, o Comandante **Onambwé** sentou-se, ladeado pelo Comandante **Ary da Costa**, que já lá se encontrava sentado a tirar notas. Eu fiquei novamente confusa, pois a **Xinda** no dia 27 de Maio, ter-me-ia dito que ele também era parte do grupo do **Nito Alves**.

O Comandante **Onambwé**, começou por me dizer, que ele só estava a ouvir Chefes Militares, mas que abriu uma excepção para ouvir-me, pelo facto de eu ser conhecedora de *dossiers* delicados do Ministério da Defesa e até da Segurança, porquanto as reuniões com o Presidente **Sam Njoma** da SWAPO, sobre assuntos muito sensíveis, eram secretariadas por mim no Ministério, por entender o inglês.

Em seguida, disse:

— E eu que confiava em ti! A tua mãe sim é uma verdadeira militante.

— Preferiste apoiar o teu primo que não se importou de apoiar o grupo que matou o irmão e agora está a chorar lágrimas de crocodilo.

Mais tarde pude entender que o Comandante **Onambwé** referia-se ao **Zé Mingas**, só após saber do seu fuzilamento, o que me fez ficar ainda mais intrigada.

A única pergunta que me foi feita e que eu respondi, foi se o **Nito Alves** alguma vez teria entrado na minha casa.

A minha resposta foi a narrativa completa de um episódio como reproduzo:

— **Nito Alves** nunca entrou em minha casa. Um única vez, aproximou-se do portão da minha casa há pouco mais de um ano, **Nito Alves** estava a entrar na casa da minha vizinha e quando viu o carro do **Tilú** que vinha na minha companhia, a entrar na garagem, aproximou-se do carro e gritou:

— Doutor!

O **Tilú** não sei se o ouviu, ou não estaria disposto a parar e nem olhou. Entrou no quintal e em seguida aproximou-se do portão, para onde **Nito Alves** se estava a dirigir voltando-o a chamar e cumprimentaram-se, enquanto eu saí do carro e de imediato comecei a subir as escadas que dão acesso à porta de entrada e ouvi o **Nito Alves** perguntar:

— O Dr. mora aqui?

O **Tilú** respondeu:

— Sim! Moro!

O **Nito Alves** respondeu:

— Eu vou a casa do lado, era só para o saudar.

E foi andando, enquanto o **Tilú** entrou em cada e fechou a porta.

Depois de responder a essa pergunta eu acrescentei:

— Hoje já vi muitos homens chorar e não sei se sairei daqui com vida, mas já que, se calhar, posso não sair daqui, gostaria de dizer que vocês que vieram da guerrilha é que são os culpados de toda esta situação.

Se afinal já há algum tempo sabiam que havia um grupo de Nitistas, que estava a preparar um golpe de Estado, porquê que não os prenderam antes e em vez disso começaram a prender supostos Nitistas, como aconteceu antes do 27 de Maio com o meu vizinho **Xico Zé**? Se não o fizeram com receio dos apoiantes de Nito, eu e outras pessoas que não sabemos nada do assunto não teríamos de pagar por isso. E continuei:

— Primeiro quase fui morta na rua por militares Nitistas, que me acusavam de ser apoiante do grupo do Presidente **Neto** e agora posso perder a vida, porque estão a acusar-me de estar com o grupo do **Nito**.

Continuei dizendo, que não sabia qual tinha sido a denúncia que teriam inventado para me incriminar, mas relativamente à conversa sobre o **Nito Alves**, ninguém estava presente para além do **Tilú** e eu e só tinha contado à minha prima **Xinda**. Na altura até lhe teria dito que não simpatizava com o **Nito Alves**, nem com o português que ele se esforçava por afinar, mas que me parecia ridículo, por me parecer os empregados a tentarem imitar os patrões portugueses a falar.

A verdade, é que depois de o Comandante **Onambwé** dar-me uma grande lição de "moral", mandou entrar a minha prima "querida" **Xinda** e a minha "amiga" **Gi**, para acareação. Elas entraram entre as 4H00 e as 5H00 da manhã.

O Comandante **Onambwé** pediu para repetirem o que lhe tinham dito.

A **Gi** disse:

— Ela é uma grande traidora, sempre foi e vocês é que são os culpados porque confiaram nela.

Nem a **Gi** tinha acabado de falar e a **Xinda** disse:

— Quanto a mim, podem fazer com ela o que quiserem, eu aqui não quero saber se ela é da minha família ou não. Eu confirmo que **Nito Alves** frequentava a casa dela.

Eu parei e pensei: **Milucha**, tu só conseguirias inverter o jogo se dissesses porque estás a chegar à conclusão que a tua prima **Xinda** está metida na tentativa de golpe e agora, para salvar a pele dela, está a tentar inverter o jogo. Mas isso poderia levar à morte dela e disso eu não seria capaz. Preferi continuar a defender-me, mas não causar também a morte dela.

Estava nitidamente a viver o famoso dilema do prisioneiro.

Nessa altura eu nem sabia ainda, que a cunhada dela, a **Nandi**, do Destacamento Feminino, que morava com ela, que também foi presa e depois de ter bebé foi fuzilada, tinha feito parte do grupo que foi atacar a cadeia de São Paulo dentro de um blindado,

dando-me quase a certeza, de que a **Xinda**, ela sim, estava inteirada de algo relacionado com o grupo do **Nito Alves**.

Não obstante já tivesse vários elementos para poder incriminá-la, um dos quais que o jovem militar que nos salvou por intervenção dela, era do grupo dos Nitistas e como estava detido poderia aclarar, por princípios morais não tive coragem. Só acrescentei:

— Eu já disse a verdade e posso morrer, mas tenho a certeza de que se estas duas senhoras têm a coragem de agir assim comigo, mais tarde ou mais cedo mostrarão o quão falsas são.

Entretanto, o Comandante **Onambwé** mandou-as sair e reiniciou a criticar-me questionando o meu patriotismo. Em seguida mandou chamar um militar, que levou-me para uma sala no rés-do-chão. Fui recebida pelo **Geitoeira** e pelo **Pitoco**.

O **Geitoeira** disse:

— Tiveste muita sorte de ter sido interrogada lá em cima, onde só ouvem os Chefes. Se fosse aqui não saías. Se fosse eu que man-

dasse, matava também os vossos filhos todos, porque qualquer dia, esses filhos dos fraccionistas ainda vão querer vingar-se. Diz lá: sabias ou não que o teu marido é fraccionista.

Eu respondi-lhe:

— Já respondi ao que pretendiam saber de mim.

Quando comecei a recear que começaria tudo de novo, o **Geitoeira** vira-se para mim e diz:

— Agora espera aí, depois já falamos.

Entretanto, eu começo a sentir umas dores fortíssimas no ventre, como se fossem facadas e de repente comecei a sentir as minhas calças *jeans* todas encharcadas de sangue. Não podia ser o período menstrual porque tinha terminado três ou quatro dias antes. Fui ter novamente com o **Geitoeira** e mostrei-lhe e ele disse-me para esperar porque tinham acabado de lhe comunicar que podia dar-me a ordem de soltura.

Eu já não aguentava de dores e o sangue continuava a jorrar.

Entregaram-me a ordem de soltura, saí de imediato sem olhar para trás e entrei na viatura *Fiat*, que desde o dia da minha entrada estava parqueado no quintal do Ministério da Defesa e dirigi-me à Clínica do Prenda, onde a minha mãe fazia um *part time* como recepcionista no período da noite. Durante o dia a minha mãe era Chefe de Secção no Ministério da Construção.

Fui ter com o Dr. **Fernando Octávio**, que era o Director da Clínica do Prenda e coordenador da equipa de cirurgia do **Tilú**. Ele apalpou-me o ventre mesmo em pé, enquanto eu me contorcia de dores e disse-me de imediato que tinha de operar-me de urgência. Fui directa para o bloco operatório sem preparação, mesmo com as calças sujas e sem avisar ninguém. Com tanta tensão nervosa vivida com os acontecimentos derivados do 27 de Maio e com o interrogatório, tinha rebentado o meu ovário direito, que foi extraído sem o meu conhecimento, porque estava já anestesiada, nem soube logo após a ter acordado.

Ninguém da minha família tinha notícias minhas, até que apareceu a minha mãe, já depois da operação, alertada por uma enfermeira instrumentista que assistiu à operação. Foi essa enfermeira que revelou à minha mãe que me tinham extraído um ovário e só 48 horas depois, o Dr. **Fernando Octávio** me confirmou tal facto.

Durante os onze dias de internamento, puseram-me no quarto ao lado do quarto do Dr. **Gentil Viana**, amigo de infância dos meus pais, que ia todas as tardes visitar-me acompanhado pelo segurança que estava sempre à porta dele, retribuindo as visitas que os meus pais lhe faziam. Soube por ele, que estava em prisão hospitalar por pertencer, segundo o Presidente **Neto**, ao grupo da Revolta Activa. Quando eu comecei a melhorar passei também a retribuir-lhe o gesto.

O **Zé Mingas** e o **Lito Pinto de Andrade,** estavam no hospital diariamente, onde iam levar e ver os presos, segundo o próprio **Zé Mingas**.

Estranhei muito, que o **Zé Mingas** continuasse livre e a prender pessoas, porque durante o meu interrogatório, o Comandante **Onambwé**, tornou a repetir que o **Zé Mingas** era o causador da morte do irmão e era traídor. Passei a suspeitar que teriam feito um acordo com ele, para ele colaborar, entregando os verdadeiros culpados da intentona.

Digo isso, porque depois compreendi que quando o Comandante **Onambwé** se referiu ao "primo", estaria a referir-se ao **Zé Mingas**, que na altura eram um dos homens fortes da Segurança de Estado e que teria casado com uma das minhas primas, que morou na minha casa.

Meses antes do 27 de Maio, o Comandante **Onambwé** falou comigo e pediu-me para eu dar um conselho ao **Zé Mingas** e quando eu lhe perguntei porque não lhe dizia directamente, ele respondeu:

— Como vocês são da família, pode ser que ele te ouça.

O conselho que ele me pediu para dar ao **Zé Mingas**, era para ele ter cuidado e não

se meter em grupos que o poderiam prejudicar.

Eu como não vi nada de mais no conselho, porque era muito amiga do **Zé Mingas**, que estava quase todos os dias em minha casa, à cautela, telefonei-lhe e disse-lhe que tinha um conselho/recado do Comandante **Onambwé** para lhe dar e ele convidou-me para almoçar em casa dele.

Fiquei admirada, porque antes do almoço ele chamou também o "**Perry**" **Inglês** e o **Lito Pinto de Andrade** para estarem com ele a ouvir o conselho.

Eu indaguei se iríamos estar os quatro e ele disse que sim, porque não tinha segredos para com os colegas e amigos.

Eu repeti ao **Zé Mingas** o que o **Onambwé** me transmitira e ele começou a rir, assim como o **Perry** e respondeu dirigindo o olhar ao último:

— Já viste isto pá? Que grupos? Eu não faço parte de grupo nenhum, mas agradeço o conselho.

Eu nunca dei a resposta a **Onambwé**, nem ele me perguntou.

No entanto, estranhei muito que muitos anos depois, o **Acácio** (**Coelho da Cruz**), o melhor amigo do **Gigi**, irmão mais velho do **Tilú** que também é médico, pelo convívio e amizade que também fez com o primeiro, disse-me:

— O **Zé Mingas** foi morto como fraccionista, mas é estranho, porque certo dia, antes do 27 de Maio de 1977, ele procurou-me e pediu-me para me afastar do **Tilú**, porque ele andava metido com um grupo de apoiantes do **Nito**.

Enquanto o **Acácio** me falava, lembrei-me que nos dias que antecederam o 27 de Maio, o **Zé Mingas** durante vários dias da semana vinha deixar a mulher e o bebé para dormirem em minha casa, porque estavam com muitas reuniões à noite até muito tarde, o que não era habitual.

Hoje, sabendo que infelizmente o **Zé Mingas**, embora tenha continuado a trabalhar até ao mês de Junho ou de Julho de 1977, prendendo supostos "fraccionistas", foi também executado, cheguei à conclusão lógica, que

como o **Tilú** não aceitou participar no grupo a que possivelmente ele pertencia, para não ser denunciado e apesar de ainda serem família, pelo lado dos **Vieira Dias**, decidiram sacrificá-lo para que ele não os denunciasse.

Tratou-se de uma queima de arquivo, pois o **Zé Mingas**, andou muito tempo à solta, depois de provavelmete terem elementos sobre a sua actividade política, fora do circuito legal, ou lhe terem feito falsas promessas em troca da sua colaboração.

Da mesma forma, estranhei o facto do **Zé Mingas** ter ido à casa da minha mãe dizer que o **Tilú** estava morto, mas quando o questionei, perguntando se era mesmo verdade, onde e quando tinha acontecido, ele respondeu-me que não tinha a certeza.

Estranhei ainda, o facto de o **Romão** ter sido preso e sido ouvido no dia 27 de Maio, mas depois disso, a minha mãe, que começou a ajudar-me a procurar o **Tilú**, viu-o uma vez a entrar acompanhado na cadeia de S. Paulo,

tendo ele baixado os olhos quando a viu e ela inocente pensou, que ele estava a ser preso. Qual não é o espanto dela, quando o vê sair sozinho e tornou a baixar os olhos para ela não o abordar.

O **Romão** foi o padrinho (testemunha do registo do meu filho **Tilucho**), estava diariamente na minha casa onde muitas vezes, depois de um "copo" a mais ficava a dormir. No entanto, ele nunca mais procurou o afilhado, ou qualquer dos membros da família do **Tilú**. O afilhado acabou por nunca o conhecer, até ao dia da sua morte, quando se suicidou atirando-se do hotel Presidente. O normal seria ele tê-los procurado.

Outro enigma, foi o facto de dias depois de a minha mãe ter visto o **Romão** na cadeia de São Paulo, ele ter sido nomeado para membro do Órgão Director do MPLA e depois dessa data, foi membro de Governo e Embaixador durante longos anos.

Por outro lado, eu sabia porque ouvia as conversas dele em minha casa, que o **Romão**

é que tinha apresentado o **Tilú** ao **Fortunato**, Comissário Provincial de Luanda, que o **Romão** considerava ser como um irmão.

O **Romão** contava, durante os nossos almoços de fim-de-semana, que tinham muito bons debates na casa do **Fortunato**, onde segundo ele também participava, entre outros, o **Betinho** do Kuribangueka. Ora o **Tilú** não tinha antes qualquer ligação com essas pessoas, mas sim com o **Romão** que era amigo deles.

Como sabemos, quer **Fortunato**, como **Betinho**, foram presos e mortos e incluídos numa possível lista de cabecilhas da tentativa do golpe de Estado.

Assim, nem me admiraria que tenha sido o próprio **Romão** a convidar o **Tilú** para fazer do tal grupo, onde ele foi e disse não ter aceite, mas depois de preso, decidiu colaborar, dizendo verdades e mentiras, não só para salvar a pele, mas até para tirar algum benefício político, porque só tinha a 6.ª classe, mas tinha muita ambição política, para obtenção de cargos elevados, ainda que sem mérito.

Certo dia, o **Kangato** (**Bastos Manuel Santos da Costa**), com quem nunca simpatizei, que era na altura guarda-costas do **Saydi Mingas** e que foi posteriormente meu aluno na Faculdade de Economia, encontrou-me e disse-me:

— Ando há algum tempo a querer dizer-lhe, que eu ouvi dizer que o **Tilú** deve ter sido atirado ao rio Kwanza, porque certa vez um ex-colega da Segurança de Estado disse-me que tinham morto o médico mulato bangão e atirado ao rio.

Fiquei estarrecida, quando ele me disse, que tinha sido ele próprio a interrogar o **Tilú**. Descreveu até o **Jeep Willy** que o levou e o *Skoda*, no qual eu e o **Mawete** íamos. Nem eu me lembrava mais a marca. Perguntei-lhe porque durante tantos anos ficou calado. Respondeu-me que só falou porque o **Américo**, Chefe de Gabinete do **Ludy** que lhe dera a ordem para fazer o interrogatório, a pretexto que o **Tilú** teria dito que **Agostinho Neto** estava maluco e o **Jacaré** da Polícia Militar, que lhe disse que tinham morto o médico bangão já

tinham morrido. Disse-lhe que iria comunicar à Comissão criada para tratar da procura dos restos mortais das vítimas do 27 de Maio.

Critiquei o facto de o actual Executivo ter anunciado uma possível reconciliação com os sobreviventes e com as famílias das vítimas do 27 de Maio de 1977, reduzindo esse acto com um sentido tão amplo, à insignificância da entrega de um certificado de óbito e da construção de um memorial aos desaparecidos, quando os dois Chefes máximos da Segurança de Estado — DISA —, **Ludy Kissassunda** (empresário e ex-Governador de Malange e do Zaire), **Onambwe** (ex-Ministro da Indústria), em funções nessa altura ainda estavam em vida e foram sempre privilegiados. Para além das duas principais chefias, ainda estão vivos os verdugos da DISA, entre outros, os carrascos **Carlos Jorge** (ex-quadro da SONANGOL, Administrador não-Executivo/accionista da CUCA), **Veloso** (empresário e ex-PCA da UNICARGAS), **Wadigimbi** (ex-Vice-Ministro da Comunicação Social), etc.,

que como prémio foram agraciados pelo Bureau Político do MPLA com a oferta de cargos superiores e de acções em empresas privatizadas. Estão também vivos muitos dos colaboradores nos interrogatórios, que os testemunharam, ou que os transcreveram, ainda que alguns tenham morrido recentemente, como por exemplo o **João Job**, entre as quais a **Gi**, a **Ruth Mendes**, o **Lito Pinto de Andrade**, o **Kangato** (**Bastos Manuel dos Santos Costa**), o **Marta**, o **Kifofo**, entre tantos outros, que citei e que não citei.

Apesar de ter a certeza de que a anunciada reconciliação não passaria de um golpe de *marketing* internacional e interno, nunca pensei que o Presidente **João Lourenço** e os membros do Bureau Político do MPLA, fossem tão imprudentes, ao ponto de fazerem um grande elogio fúnebre ao General **Ludy Kissassunda**, por ocasião do seu funeral e não terem tido a hombridade e a coragem, de criticar os seus actos de conivência com uma carnificina pela qual ele, em vida, nunca pediu perdão, pelo menos àque-

les que tenham sido detidos, torturados ou mortos, sem terem qualquer processo com culpa formada, num momento em que não existe qualquer sinal da pretensa reconciliação.

A minha afirmação deve-se ao facto de que após dez anos do completo desaparecimento de alguém, qualquer cidadão pode, por ordem judicial, ter o direito à obtenção da certidão de óbito do seu familiar directo.

O Executivo não faz qualquer favor, ao mandar desbloquear a emissão das certidões de óbito, aos desaparecidos na saga de 27 de Maio de 1977, volvidos 44 anos, com o risco de continuarmos a retroceder ao tempo das administrações dos sobados pelos sobas, em que estes e os feiticeiros decidiam pela vida ou pela morte dos caluniados, ou dos incumpridores e ainda poderiam ter o previlégio de ser enterrados com crianças vivas como homenagem.

A minha mãe, natural de Sacandica, na província de Maquela do Zombo, contou-me, que quando o seu avô que era soba e descendente da família real do Congo faleceu,

demorou muitos dias a ser enterrado, porque era norma os cidadãos das aldeias oferecerem duas crianças, uma de cada sexo, para serem enterradas vivas com o soba, pois seriam os seus anjos da guarda. Como o governo português proibia tal prática com prisão, com a abertura de escolas e evangelização da população, acabaram por enterrá-lo sozinho.

Pouco depois faleceram duas irmãs da minha avó e logo se espalhou o boato, de que o motivo seria o facto de não terem enterrado o soba com duas crianças vivas. Triste ignorância.

O problema reside no facto de os processos e reclamações serem engavetados a partir da Procuradoria-Geral da República, como aconteceu com duas das exposições que eu fiz. Certo dia encontrei o primeiro Procurador da República, **Antero de Abreu**, que se dizia muito amigo do meu pai antes da independência e perguntei-lhe pelas respostas. Ele respondeu-me com um sorrisinho sarcástico:

— Mas se o MPLA não quer tocar no assunto eu é que vou tocar? Oh filha, eu só cumpro orientações superiores. Não percas o teu tempo a escrever.

O facto de depois de muita luta ter conseguido a emissão de uma certidão de óbito do **Tilú**, mas sem a causa da sua morte, que segundo o Sr. **Jaime**, Conservador da 1.ª Conservatória do Registo Civil de Luanda, amigo do meu pai, tinha-lhe sido vedado transcrever, embora existisse mas era secreta, teve consequências até à presente data.

Os meus filhos gémeos do meu último matrimónio, tiveram de ser registados em Lisboa onde nasceram como filhos de pais solteiros, para não serem registados como filhos do **Tilú**, porque o nosso casamento foi registado aos 26 de Maio de 1973, em Portugal onde residíamos.

Entre outros motivos, uma das razões porque nunca quiseram dar-me a certidão de óbito do **Tilú**, ainda que com a *mortis causa* "omissa" como fizeram em 1991, foi porque o Bureau Político do MPLA não queria que eu contraísse

oficialmente matrimónio com **José Eduardo dos Santos**, que quando conheci, já tinha a separação judicial e o reconhecimento do Presidente **Agostinho Neto** desse documento e de outro documento escrito, por ele e pela primeira esposa ao Bureau Político do MPLA, dando conta dessa vontade por comum acordo.

Por isso, sempre mantive um relacionamento saudável com a **Tatiana Kukanova**, pessoa que sempre me respeitou, assim como aos meus filhos, em particular o **Zé Dú** (**Coreon Dú**), por quem ela sempre nutriu um carinho especial e a quem sempre apoiei, quando precisou dos meus préstimos.

Ainda pelo estigma do 27 de Maio de 1977, um membro do Bureau Político do MPLA, que me pediu para o seu nome não ser revelado contou-me, que no final da reunião do Bureau Político desse Partido, no dia em que foi decidido que **José Eduardo dos Santos** sucederia a **Neto**, foi-lhe exigido, que ele não deveria mais ver-me e muito menos poderia entrar na casa oficial no Futungo de Belas,

a partir daquela data, ao que ele respondeu com firmeza, que lhe pedissem tudo menos isso. Ele durante bastantes dias não me disse nada, mas quando o confrontei com a pergunta, ele confirmou-me.

Era a segunda vez que o punham entre "a espada e a parede" por minha causa, mas eu posso afirmar, que das qualidades que mais aprecio nele, é não ser cobarde, nunca elevar o tom de voz, ser humilde, ser humano e ser discreto. No dia da referida decisão, nem ele e muito menos eu imaginávamos, que seria ele o membro do BP do MPLA indicado para suceder a **Neto**, sobretudo pela idade (37 anos).

Entretanto, nesse dia, já passava das 20H00, a zona da nossa casa da Corimba não era iluminada e o **Zé Eduardo** não chegava a casa, nem telefonava. Como tinha aparecido um dia antes o sobrinho dele mais velho, polícia, o **Adão**, filho da **Isabel**, a dizer que teve que saltar muros para escapar a uma tentativa de assassinato por desconhecidos que o seguiam e que outros desconhecidos, teriam também

agredido o tio mais velho, **Avelino**, dentro da loja que ele tinha há anos no Bairro Marçal, onde era amigo de todos, lembrei-me das ameaças do **Cafuxe** um dia antes no TPR e decidi ir dormir na minha casa do Cruzeiro. O **Zé Eduardo** nunca me perdoou, porque vai não vai, relembrava-me de eu o ter abandonado durante essa noite.

O maior dissabor que tive por ter mantido sempre a minha casa do Cruzeiro e ainda bem, foi o facto de uma prima minha que aí morava temporariamente, ter deixado de me falar, por não lhe ter oferecido a casa, que para mim é histórica.

A casa do Futungo era uma vivenda de praia, com três quartos pequenos, sendo um deles suíte, uma sala comum e uma varanda no rés-do-chão. O quintal à frente e atrás era muito pequeno e após a construção da piscina, quando aos fins-de-semana púnhamos a mesa fora, tínhamos de ter cuidado para não nos desequilibrarmos e não mergulharmos na piscina.

Num fim-de-semana no Futungo de Belas